

Elementos da formação de consciências em Adorno

Anatoli Konstantin Gradisk

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNESP -
Marília (SP).

Resumo: No decorrer do século XX, houve transformações políticas e sociais proporcionadas pela convergência da luta de classes, onde a formação do sujeito, através da educação, ora se refletiu como conquista popular, ora como instrumento ideológico da classe dominante. Esta realidade está inserida no contexto de uma sociedade capitalista, que valoriza uma educação na perspectiva do mercado e do individualismo. O teórico e filósofo frankfurtiano Theodor Adorno levanta seu questionamento e busca apresentar caminhos para a formação e consciência crítica, através do empenho educativo. A obra de Adorno, entre os teóricos da Escola de Frankfurt, nos leva a refletir sobre o papel filosófico que tem a formação humana atualmente. É salutar a formação de consciências do sujeito para sociedade mais humana e integrada com a vida, formação esta como tarefa filosófica e ética para que o ser humano se emancipe e conquiste seu espaço social, cultural, político, por meio do saber e do conhecimento. Enfim, o compromisso político e conscientizador são importantes para constituir as linhas e estratégias para que o sujeito se forme numa consciência humanizadora, diante do processo massificador do capitalismo e do tecnicismo. Este processo tende a formar pessoas mais dependentes do que autônomas. Em contrapartida, a arte de formar pessoas autônomas consistirá na tarefa fundamental de transformação social e educacional.

Palavras-chave: formação do sujeito; consciência crítica; formação de consciências; tarefa filosófica; emancipação e autonomia.

Abstract: During the twentieth century, there were political and social transformations afforded by the convergence of class struggle,

where the formation of the subject, through education, was reflected sometimes as popular achievement, sometimes as an ideological tool of the ruling class. This reality is inserted in the context of a capitalist society that values education from the perspective of the market and individualism. The Frankfurt School theorist and philosopher Theodor Adorno raises his question and seeks to provide ways for the formation and critical awareness through educational commitment. Adorno's work, among the theorists of the Frankfurt School, leads us to reflect on the philosophical role played by the human formation nowadays. The formation of consciences of the subject is salutary for society which is more humane and integrated with life; it is a philosophical and ethical task in order that the human emancipates and conquers his social, cultural and political space through wisdom and knowledge. Finally, the political and aware-making commitment is important to establish the lines and strategies so that the subject is formed in a humanized consciousness before the mass process of capitalism and technicality. This process tends to form people more dependent than autonomous. In contrast, the art of forming autonomous people will be the fundamental task of social and educational transformation.

Key words: formation of the subject; critical consciousness; formation of consciousness; philosophical task; emancipation and autonomy.

Introdução

Desde os primórdios da civilização humana há a busca permanente de estabelecer laços de relações e vida sócio comunitárias e, pela perspectiva da comunicação e sua história, o homem tem evoluído através de suas relações que, solidificando-se criaram várias formas de interação.

Pela formação da consciência o indivíduo se encontra como sujeito na história, partícipe e protagonista destas relações, e o faz através de vários mecanismos, além da comunicação, como também pela educação e pelo desenvolvimento das diversas ciências, que têm contribuído para a garantia de sua vida na terra.

Avançando para a compreensão de consciência no século XX, analisando as mudanças causadas pela ação do homem na vida social, política e cultural, vemos que desde o advento da Indústria Cultural, criticada pelos teóricos da Escola de Frankfurt, onde Theodor W. Adorno foi um dos seus expoentes, a sociedade tem alienado o sujeito de sua consciência, produzindo um distanciamento de suas relações coletivas.

O presente estudo tem por finalidade discutir como o homem, através de sua interação na sociedade, fazendo uso da racionalidade, desenvolve mecanismos de interação e, aliado ao saber que adquire, num processo de conscientização faz sentido à sua existência e relação com os outros, com os bens, o ambiente e o universo.

Através de uma análise histórica do pensamento filosófico de Adorno e em convergência com as várias perspectivas e intersecções na evolução do pensamento, como também contextual da filosofia da teoria crítica, queremos abordar a importância da consciência para a formação do homem, desenvolvendo um debate a respeito do papel que a consciência tem na emancipação para a ascensão do homem que, no decorrer dos tempos, estabelece suas relações e vida.

Encontramos na reflexão dos frankfurtianos uma crítica à sociedade que aliena o sujeito de sua consciência enquanto criador de relações que podem se fundados no diálogo e na afirmação da vida, desprestigiando assim, o processo de conscientização. Tal crítica elaborada pela Escola de Frankfurt constituiu-se da Teoria Crítica:

Concebida inicialmente por Max Horkheimer, foi uma proposta de trabalho científico e filosófico da Escola de Frankfurt, em que se propunha uma investigação acerca do fundamento histórico-social dos conceitos e de toda a percepção de mundo, em vez da progressão linear dos conceitos da teoria tradicional, que abstrai do teor conflitivo da realidade empírica (PECORARO, 2009, p. 96).

Apresentar os elementos da Teoria Crítica, na perspectiva de Adorno, pode ir mais além do plano teórico. Diante da perda de autenticidade no homem, enquanto ser concreto e histórico, diante de uma época que não constrói a vida, se não é através do diálogo entre

os homens e o mundo, a noção de práxis não se dará. Isto ocorrerá através de uma reflexão filosófica na contemporaneidade, sobre a relação que tem a apreensão do conhecimento como forma que o homem encontra para construção da vida.

Através desta pesquisa pretendemos analisar a importância da formação, sendo ela crítica, reflexiva e conscientizadora, para a formação do sujeito ativo e participante, ou seja, um ser concreto e histórico, no entanto, emancipado e protagonista de sua existência.

Esta deve ser uma tarefa filosófica, porém na perspectiva pós-moderna, em que se constrói o conhecimento, desenvolve-se a racionalidade, mas no intuito de promover uma sociedade justa e solidária em que o sujeito valorizado em suas capacidades, atua em sua própria história, interagindo com o mundo e transformando-o.

Ao refletir acerca da formação de consciências a partir da Escola de Frankfurt a teoria crítica foi assumida por seus teóricos e se revela como um discurso contra a sociedade meramente ideológica, instrumentalizada, serva de opiniões do senso comum e na perspectiva de uma evolução civilizatória ao contrário de um processo emancipatório coletivo e individual.

O Conceito de sujeito e de emancipação é discutido pelos teóricos, nos enfoques e épocas diferentes em que a Escola de Frankfurt percorreu, mas através de Adorno que a abordagem da formação dos sujeitos será amplamente discutida, enquanto processo cultural, histórico e educativo vivenciados pela civilização, como bem que a edifica e constroem.

Consciência crítica, autonomia e emancipação do sujeito, dialética, são conceitos que encontramos em Adorno e veremos sua abordagem como forma de trabalhar a formação de novas mentalidades, em meio à proposta sedutora da pós-modernidade que massifica os indivíduos, fazendo-os distanciar das relações interpessoais e humanas.

Seu pensamento e filosofia apontam para o sujeito que tem potencialidade para reconhecer os processos de mudança que vive, mas, ao posicionar-se de maneira crítica, supera os mitos, as falsas

ideias de desenvolvimento, a “leve” sensação de bem estar e de esclarecimento incutidas nas expressões culturais e meios sociais, desde as civilizações mais antigas até as de hoje, na evolução do pensamento humano.

Por conseguinte, ao tomar como ponto de partida o pensamento adorniano, é possível refletir quanto à tarefa filosófica que temos em contribuir com a formação de consciências hoje, tarefa esta que no terceiro capítulo é exemplificada na busca de ascensão do homem pelo conhecimento, nos últimos séculos até a vida contemporânea, principalmente pelo empenho educativo e, além disso, no pensamento trazido para perto de nossa realidade, para além da visão europeia de homem, mundo, formação e saber.

Ora, neste destaque que queremos fazer aqui para a reflexão crítica de Adorno perante o suposto “esclarecimento” que se enxerga nos meios sociais e na formação do pensamento humano, e sua crítica se estabelece no sentido de proporcionar uma reflexão mais crítica desta realidade, a partir dos conceitos de mito que busca na filosofia.

Na obra “Dialética do Esclarecimento”, em parceria com Horkheimer, Adorno escreve sobre o conceito de esclarecimento¹, assim como foi idealizado, porém com uma tentativa de compreender este conceito no contexto sócio político de seu tempo em meio ao seqüestro da subjetividade e do pensamento: “O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber.” (ADORNO ; HORKHEIMER, 1985, p. 17).

O objetivo deste trabalho de Adorno e Horkheimer, é provocar o homem para que rompa com o medo das forças do sobrenatural, se volte contra a ideologia da dominação e crie uma possível realização do homem e reconciliação com a natureza através de uma reintegração.

¹ Segundo Pecoraro, o esclarecimento é, na ótica de Adorno, um “processo de racionalização em que o pensamento se distancia cada vez mais da natureza para dominá-la como material caótico; passou por diversas fases, como o mito, pensamento pré-socrático, as metafísicas grega e medieval, ciência moderna, positivismo, indústria cultural, etc.” (PECORARO, 2009, p. 96).

O eu integralmente capturado pela civilização se reduz a um elemento dessa inumanidade, à qual a civilização desde o início procurou escapar. Concretiza-se assim o mais antigo medo, o medo da perda do próprio nome. Para a civilização, a vida no estado natural puro, a vida animal e vegetativa, constituía o perigo absoluto. Um após o outro, os comportamentos mimético, mítico e metafísico foram considerados como eras superadas, de tal sorte que a ideia de recair neles estava associada ao pavor de que o eu reverteresse à mera natureza, da qual havia se alienado com esforço indizível e que por isso mesmo infundia nele indizível terror (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 37).

Em Adorno vemos que uma ideia pode ser tomada como importante num determinado local e, por conseguinte, passar a ser universal, ou seja, importante para todos. Então, o homem se ilude e, levado a acreditar que está sendo autônomo no seu pensamento, sente uma falsa autonomia, proporcionada pelo mito. Na verdade, não ocorre autonomia, sua individualidade está sendo sequestrada, pois é mais um em toda a coletividade a pensar de um mesmo jeito, de forma massificada.

O sequestro da individualidade

No Conceito do esclarecimento, até o final de Dialética do Esclarecimento, Adorno e Horkheimer irá apontar esta realidade como “mistificação das massas”, pois através da mesma as pessoas são enganadas, da mesma forma como no mito, que cria uma falsa realidade: “[...] em face dessa possibilidade, o esclarecimento se converte, a serviço do presente, na total mistificação das massas.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 46) Ele usa como exemplo o “canto das sereias” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 39) que, de forma ilusória, domina discretamente as mentes, até mesmo pelo intuitivo, pelo sensível.

O mito, de certa forma, cria unidade com o todo social, mas guarda um pouco do passado (animismo) e guarda um pouco da relação do homem com a natureza. No entanto, na sociedade o mito serve como um instrumento de alienação, retirando do homem a sua emancipação e libertação.

A razão deve levar o homem a se guiar em busca de sua emancipação, no entanto, esta falsa autonomia proposta pela força do mundo científico e técnico deixa o homem massificado e este perde o eu. O esclarecimento declara a guerra ao mito. Declara guerra à religião e aos poucos vai eliminando a transcendência. Afasta o homem de um conciliamento com algo superior para aproximar-se da natureza e de si mesmo.

Segundo a crítica de Adorno à modernidade o homem tem o desejo de consumir diante das falsas necessidades que são criadas. A racionalidade está aliada neste contexto ao capitalismo, através do consumismo e do materialismo. Há um processo perigoso de regressão que torna o homem um mero objeto.

Iludido como se fosse autêntico protagonista do seu próprio tempo e enganado, o ser humano está seduzido pelas propostas encantadoras do mercado que envolve até mesmo o pensamento, a cultura e a expressão humana. Acredita-se num suposto progresso, mas não se enxerga o gradual regresso intelectual e humano que ocorre neste trajeto:

a adaptação ao poder do progresso envolve o progresso do poder, levando sempre de novo àquelas formações recessivas que mostram que não é o malogro do progresso, mas exatamente o progresso bem-sucedido que é culpado de seu próprio oposto. A maldição do progresso irrefreável é a irrefreável regressão. Esta não se limita à experiência do mundo sensível, que está ligada à proximidade das coisas mesmas, mas afeta ao mesmo tempo o intelecto autocrático, que se separa da experiência sensível para submetê-la (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 41).

Um estilo de vida é criado e torna a razão coisificada e autoritária. Por isso, torna-se difícil do indivíduo abandonar esta influência porque, de certa forma, está dominado, tornou-se uma coisa e, por fim, é manipulado como objeto da própria sociedade. O objetivo da racionalidade humana instrumentalizada faz com que as pessoas fabriquem coisas, ou seja, necessidades, porque possuem a idéia de

que consumindo serão iguais. Até mesmo os aspectos culturais são submetidos a esta ótica de manipulação instrumental.

Se falar de cultura significa compreender a formação do indivíduo e sua adaptação na sociedade, que cria modos, costumes, pensamentos, entre outras coisas, fazem o homem vivenciar estes aspectos junto à civilização. No processo de dominação cultural quebram-se estes elos de cultura que Abbagnano demonstra como parte da formação do homem:

Esse termo tem dois significados básicos. No primeiro e mais antigo significa a formação do homem [...] No segundo significado, indica o produto dessa formação, ou seja, o conjunto dos modos de viver e de pensar cultivados, civilizados, polidos, que também costumam ser indicados pelo nome de civilização (ABBAGNANO, 1999, p. 225).

No processo de formação do homem, que Abbagnano aponta como parte da cultura, ele irá dizer que o homem aperfeiçoa também esta formação, diferentemente dos outros animais, pelas suas práticas sobre a natureza, o mundo e a realidade, porque ele age dentro de sua vida social e humana.

Neste sentido, esse processo é de formação porque o homem necessita de sabedoria, ou seja, do conhecimento intelectual para a sua sobrevivência, para a vivência dentro da sociedade, agindo na coletividade, através dos meios que são os ofícios, técnicas e aprendizagens, adquiridas ao longo da vida. Todos esses processos são fragmentados e interrompidos pela massificação cultural.

A emancipação do homem

Eis a preocupação de Adorno: os esforços dos homens em tornar as coisas mais acessíveis a todos despertam a consciência ligada somente ao atendimento de demandas, que surgem de fora para dentro. Essa busca irrefreável, como o autor denomina, leva o sujeito ao seu estágio mais primitivo e, ao invés de tornar-se um indivíduo autêntico, regride aos seus próprios limites e vê que não se emancipou.

Desde o início de seu texto, Adorno já demonstrava que a sociedade se aliena do seu próprio conhecimento e vive um imediatismo para alcançar o bem-estar a qualquer custo, em busca de um conhecimento superficial e inventado.

O mito converte-se em esclarecimento, e a natureza em mera objetividade. O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-os na medida em que pode manipulá-los. O homem de ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. É assim que seu eu si torna para ele. Nessa metamorfose, a essência das coisas revela-se como sempre a mesma, como substrato da dominação (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.21).

Nesse processo, a racionalização instrumental está acima do eu, ou seja, está sobre a subjetividade pessoal. O saber científico, utilizado para os interesses dominantes, e não na emancipação do homem, ocupa-se em criar na humanidade uma imagem de que as descobertas científicas favoreçam o bem comum. O substrato, ou seja, a base da dominação é manter as coisas como estão e isto ocorre nas dimensões do pessoal, da natureza e do social e, por isso, o eu já nasce sob o domínio do poder.

O domínio do homem pelo homem torna-se o auge do material sobre o humano, e Adorno visualiza a ciência confirmando o mundo tal como ele é e a impotência do sujeito diante deste mundo que o esmaga; o retrato da sociedade moderna amparado pela indústria cultural.

No trajeto da mitologia à logística, o pensamento perdeu o elemento da reflexão sobre si mesmo, e hoje a maquinaria mutila os homens mesmo quando os alimenta. Sob a forma das máquinas, porém, a ratio alienada move-se em direção a uma sociedade que reconcilia o pensamento solidificado, enquanto aparelhagem material e aparelhagem intelectual, com o ser vivo liberado e relaciona com a própria sociedade como seu sujeito real (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.42).

Adorno aponta que através do mito, representado nas formas artísticas e expressões culturais da época, a sociedade criou uma imagem de que o ser humano seria autônomo e ativo nos meios sociais. O que deveria ser um esclarecimento e conscientização da pessoa para a compreensão do mundo e do sentido da vida, e de ascensão do homem no seu espaço sócio político, como vemos no texto de Adorno, sofre uma “metamorfose”, e transformou-se em pura ideologia pela qual muitos se puseram a acreditar.

Hoje, com a metamorfose que transformou o mundo em indústria, a perspectiva do universal, a realização social do pensamento, abriu-se tão amplamente que, por causa dela, o pensamento é negado pelos próprios dominadores como mera ideologia (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.42).

A razão tenta romper com o misticismo, mas ela própria o fortalece. Pelo mito as pessoas buscam satisfação e resposta para determinados assuntos da realidade e, por ela, tenta se convencer de que o indivíduo obtém sua única e absoluta resposta. Então os mitos são vistos como verdadeiros, e recebem a função de sustentar um modo de pensar alienante.

O pensamento de Adorno neste contexto foi o de criticar a alienação do homem do saber em prol de sua emancipação. Pelo desenvolvimento de uma nova mentalidade, de uma consciência de si e dos outros, o homem pode alcançar a reintegração com a natureza e, por isso, é forma de expressão e não tem um fim senão nela mesma. A racionalidade técnica apenas relacionada aos meios tira do ser humano a possibilidade que Adorno propõe de emancipação.

Considerações Finais

Na crítica de Adorno todo o saber e as formas de expressão humana não devem estar inseridos na lógica do pragmatismo, da racionalidade técnica produtiva, instrumental e utilitária. A formação da consciência é o elemento chave de crítica e de possibilidade real de progresso para que o sujeito possa emancipar-se, sem regredir ao mito e não decair sob o poder da ideologia dominante das massas.

Um exemplo disso, em outra obra de Adorno “O Fetichismo na música e a regressão da audição”, Adorno trata da questão da música, ora torna-se manifestação do ser humano com seu impulso instintual, ora guia-se pela decadência da influência do proposto atualmente, o entretenimento, o que elimina a noção de consciência.

Com o mesmo direito poder-se-ia perguntar: para quem a música de entretenimento serve ainda como entretenimento? Ao invés de entreter, parece que tal música contribui ainda mais para o emudecimento dos homens, para a morte da linguagem como expressão, para a incapacidade de comunicação. A música de entretenimento preenche os vazios do silêncio que se instalam entre as pessoas deformadas pelo medo, pelo cansaço e pela docilidade de escravos sem exigências (ADORNO, 1999, p. 67).

Pela formação de consciências, a partir da crítica do esclarecimento, ao refletir sobre o conflito entre obedecer a ótica da racionalidade instrumental ou romper com o aprisionamento de consciências em tal alienação, nos deparamos com a urgência em defender os interesses do sujeito em vistas de sua própria emancipação.

Deve-se almejar que os membros de uma sociedade, de uma civilização, busque meios de transformação da realidade, conforme vai se comprometendo e assumindo seu papel sócio político, comprometidos eticamente pela transformação de suas estruturas e das massas. Ao levar em conta a autonomia do indivíduo e de suas potencialidades de pensamento, na individuação, com suas características e identidade, o ser humano é reconhecido enquanto pessoa em formação.

Pudemos observar os benefícios obtidos pela efetivação da racionalidade que se separa da natureza, a ponto de poder atribuir outros significados aos objetos, possibilitando a construção de novas realidades. Por outro lado, também constatamos a rigidez e a inexorabilidade de um pensamento que se fecha em si mesmo, quase que totalmente atrelado aos interesses do capital e que compactua com a reprodução da barbárie. Mas, isso não quer dizer que o processo de objetivação da subjetividade não possa recuperar a capacidade de pensar sobre si mesmo (OLIVEIRA, PUCCI; ZUIN, 2000, p.53-54).

Com uma consciência mais crítica, a pessoa num processo de formação da consciência pode romper com a ideologia e agir sobre o mundo, criando mecanismos de atuação e mudança das estruturas sociais, a partir da instrução, da apreensão do conhecimento.

Portanto, a nossa intenção é refletir sobre a necessidade de um verdadeiro processo de conscientização, dentro da perspectiva filosófica, e isto poderá ser possível pela compreensão do indivíduo em suas relações com os outros, na valorização plena de sua individualidade, de maneira crítica e no exercício do pensamento e da reflexão, para se apropriar do seu espaço criticamente e, assim, assegurar sua existência.

Refletir acerca desta temática é pensar o homem concreto e histórico, é pensar em temas da atualidade como o papel cidadão do sujeito que, instruído e formado por uma crítica e reflexão usa destes instrumentos para pôr em prática sua experiência atuando de forma concreta na sociedade, ou seja, tendo um papel na construção sócio político de seu tempo e espaço.

Referências

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 225.

ADORNO, T. W. O fetichismo na música e a regressão da audição. In *Os pensadores*. Tradução de Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Trad. de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

PECORARO, R. *Os filósofos clássicos da filosofia*. De Ortega y Gasset a Vattimo. Petrópolis: Vozes, v. 3, 2009.

ZUIN, A. A. S.; PUCCI, B.; OLIVEIRA, N. R. *Adorno: o poder educativo do pensamento crítico*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.